



O futebol feminino e as atividades lúdicas infantis como mecanismos de classificação/divisão de gêneros¹.

Valdonilson Barbosa dos Santos - UFCG-CDSA/Paraíba

Amanda da Silva Leite - UFCG-CDSA/Paraíba

Resumo

O objetivo desse trabalho visa discutir como as práticas esportivas futebolísticas de mulheres na cidade de Sumé-PB e as atividades lúdicas infantis na cidade de Recife-PE refletem a construção social dos gêneros. Para isso, duas frentes de trabalho de campo foram fundamentais: uma pesquisa de cunho etnográfico para vivenciar o dia-a-dia de treinos e investigar as formas de classificações de mulheres e homens na modalidade esportiva de futebol na cidade de Sumé-PB; outra pesquisa de cunho etnográfico com adolescentes da periferia da cidade de Recife-PE. Em termos de referencial, utilizamos autoras(es) tais como: Vale de Almeida (1995), Connell (1997), Nascimento (1999), Medrado & Lyra (2002) entre outros. Entendemos que a formação dos gêneros está intimamente relacionado à tentativa de compreender as relações entre o masculino e o feminino, caracterizadas pela diferença dos gostos, preferências, comportamentos e atitudes de cada sexo, por isso, é necessário entender os diferentes sentidos que são dados às ações de homens e mulheres. As atividades esportivas aqui pesquisadas demonstram, portanto, que os seus sistemas de significação, fazem com que os sujeitos envolvidos sejam formadores de conhecimento e portadores de uma visão de mundo que inclui categorias de classificação utilizadas cotidianamente para distinguir, diferenciar, e (des) igualar coisas e pessoas. Trata-se de espaços de demarcação de fronteiras entre atividades consideradas masculinas e femininas, ou seja, instrumentos de (re) significação das formas de conceber as diferenciações entre os gêneros. Enfim, percebemos o quanto as matrizes de gênero contribuem para uma classificação/divisão de gênero.

Palavras-chave: futebol feminino; atividades lúdicas; marcador de gênero.

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).



1. Introdução

Muitas modalidades de práticas esportivas e até brincadeiras lúdicas infantis são marcadas por classificação/divisão de gênero. No Brasil, por exemplo, em termos de percepção cultural o futebol, é visto como um esporte masculino e historicamente foi dominado pelos homens. Isso leva a um preconceito de gênero, arraigado numa mentalidade sexista do mundo. Atualmente, o futebol profissional feminino vem recebendo uma atenção maior por parte das instituições e entidades organizativas de práticas futebolísticas, no entanto, o futebol feminino ainda recebe menos investimento do que o masculino, isso pode causar a impressão de que é de menor qualidade ou menos importante. Então, cada vez que houver maior participação das mulheres em esportes visto socialmente como masculinos, essa situação será normalizado com o passar do tempo. Assim, uma dimensão da pesquisa visa refletir sobre as práticas esportivas futebolísticas de mulheres na cidade de Sumé-PB. Para isso, está sendo feito uma pesquisa de cunho etnográfico para vivenciar o dia-a-dia de treinos e investigar as formas de classificações de mulheres e homens nessa modalidade esportiva. Outra dimensão da pesquisa está relacionada a uma pesquisa realizada sobre a construção social das masculinidades através de atividades lúdicas infantis na cidade do Recife-PE. Para interpretar e mergulhar numa dada realidade sociocultural partimos do seguinte questionamento: por que não procurar a complexidade das relações de gênero dentro de espaços de sociabilidades que, de certa forma, sedimenta a nossa forma de pensar, agir, compartilhar, subjetivar os significados do que é cotidianamente vivido? Entendemos que a formação dos gêneros está intimamente relacionado à tentativa de compreender as relações entre o masculino e o feminino, caracterizadas pela diferença dos gostos, preferências, comportamentos e atitudes de cada sexo, por isso, é necessário entender os diferentes sentidos que são dados às ações de homens e mulheres. Em termos de referencial, utilizamos autoras(es) tais como: Vale de Almeida (1995), Connell (1997), Nascimento (1999), Medrado & Lyra (2002) entre outros. A partir de agora iremos abordar os dados de campos através de categorias criadas por nós para tornar os dados de campo mais compreensível, mas antes disso cabe uma resumida contextualização dos espaços pesquisados.



2. Contextos das pesquisas

A primeira pesquisa de campo foi realizada na cidade do Recife em duas comunidades pobres pertencentes respectivamente a RPA-4, Zona Oeste e RPA-6, Zona Sul da cidade. Trata-se das comunidades Brasilit, localizada no bairro da Várzea, e Vila dos Milagres, situada no bairro da COHAB (Ibura). É importante frisar que, diferentemente da comunidade Brasilit, que além de ser uma área pobre, é também uma área ZEIS (Áreas de assentamentos habitacionais da população de baixa renda, surgidos espontaneamente, existentes, consolidados ou propostos pelo poder público, onde haja possibilidade de consolidação fundiária. As áreas ZEIS têm um canal de representação direta com a comunidade e são assistidas pela URB, através do Fórum do PREZEIS – Programa de Regularização das Zonas Especiais de Interesse Social), a comunidade Vila dos Milagres é uma área pobre, mas não é considerada uma área ZEIS.

A coleta de dados teve dois períodos distintos. O primeiro aconteceu entre os meses de janeiro a abril do ano de 2002 e teve como universo de investigação as atividades recreativas realizadas no Parque Residencial dos Milagres. O segundo aconteceu entre os meses de abril a julho de 2003, na comunidade do Brasilit.

O bairro da Várzea faz parte da Região Política Administrativa 4 – RPA 4, situado geograficamente na região oeste da cidade, limitando-se com o município de São Lourenço da Mata e Camaragibe ao oeste, ao norte com a RPA 3 e Rio Capibaribe, ao sul com a RPA 5 e ao leste com o braço morto do rio Capibaribe. Está localizada entre a avenida Caxangá e a BR 232 (sentido norte/sul) e entre a BR 101 e o município de Camaragibe (sentido leste/oeste). É um bairro residencial, tendo como atividade econômica predominante o comércio. O número acentuado de favelas juntamente com uma baixa renda familiar o caracterizam como um bairro pobre da região metropolitana do Recife. Possui 13 áreas pobres: Ambolé, Barreiras, Brasilit, Campo do Banco, Caxangá III, Caxito, Sítio Wanderley, Favela da Draga, Ilha das Cobras, Invasão UR7, Jardim Caxangá, Vila Arraes e Malvinas. Tem 05 áreas ZEIS: Brasilit, Campo do Banco, Sítio Wanderley, Vila Arraes e Rosa Selvagem.

O bairro COHAB (Ibura), por sua vez, faz parte da Região Política Administrativa 6 – RPA 6, situada na parte sul da cidade. Faz limite com o município



de Jabotão dos Guararapes ao sul e oeste e, ao norte, com a RPA 5. É formada pelos bairros de Boa Viagem, Pina, Imbiribeira, IPSEP, Ibura, Jordão e Cohab. Tem uma população de 323.200 habitantes, distribuídos numa área de 3.902 ha e 73.909 domicílios. Apresenta importantes eixos viários, como as Avenidas Beira Mar, Conselheiro Aguiar, Engenheiro Domingos Ferreira, Mascarenhas de Moraes, Recife, Dom Helder Câmara, além da BR 101. Dentre os bairros que compõem a RPA 6, a Cohab apresenta uma alta densidade habitacional, do tipo unifamiliar e de baixa renda, destacando-se os conjuntos habitacionais (UR). E, mesmo durante o intervalo de 9 anos (1991/2001) tendo aumentado o número da população, ainda é Boa viagem o bairro mais populoso.

É constituído por 25 áreas pobres, são elas: Zumbi do Pacheco, Asa Branca, Chapéu do Papa, Conjunto 27 de Novembro, Direito de Amar, Dois Carneiros, Dois Rios, Monte Verde, Lagoa Encantada, Parque Nacional, Rio Largo Carneiro, UR's 1,2, 3, 4, 5, 6, 10, 12, Vila Aeromoça, Vila das Crianças, Vila dos Milagres, Vila 27 de Abril, Vila Esperança do SESI, Vila Tancredo Neves. Essas áreas são consideradas pobres, mas não áreas ZEIS; no bairro COHAB são consideradas áreas ZEIS apenas UR 5 e Três Carneiros.

A segunda pesquisa de campo está sendo feita na cidade de Sumé, cidade localizada no estado da Paraíba, no Nordeste do Brasil. É conhecida por seu clima semiárido e por fazer parte da região do Cariri paraibano. De acordo com o Censo 2022 do IBGE, a população de Sumé é de aproximadamente 17.000 habitantes. A cidade tem uma economia baseada principalmente na agricultura, pecuária e comércio local. A população está distribuída quase igualmente entre homens e mulheres. Segundo o Censo de 2022, aproximadamente 50,1% da população é do sexo feminino, enquanto 49,9% é do sexo masculino. Sumé oferece diversas opções de educação, desde a educação básica até o ensino superior. A cidade conta com escolas públicas e privadas que atendem a educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. No ensino superior, é sede de um campus da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), que oferece cursos de graduação e pós-graduação. O campus de Sumé é conhecido especialmente pelos cursos na área de engenharia de produção e biossistemas, além de cursos técnicos voltados para o desenvolvimento regional. A cidade também possui programas de alfabetização



de jovens e adultos, buscando reduzir o índice de analfabetismo e promover a inclusão educacional.

Sumé tem uma variedade de atividades esportivas que são populares entre seus habitantes. O futebol é o esporte mais praticado, com diversos times amadores e torneios locais. A cidade possui campos de futebol, quadras poliesportivas e academias que oferecem suporte para a prática de atividades físicas. Além do futebol, outros esportes como voleibol, basquete e futsal também são bastante populares. A cidade promove eventos esportivos e competições para incentivar a prática de esportes entre jovens e adultos. O município também realiza programas de esporte e lazer promovidos pela prefeitura, visando a melhoria da qualidade de vida e a integração social da comunidade. Estes programas incluem atividades ao ar livre, como caminhadas, corridas e ciclismo. Após essa breve contextualização dos espaços pesquisados, vamos para análise dos dados coletados.

3. Hierarquização interna: estratégias de afirmação da masculinidade

Durante o jogo de futebol masculino percebeu-se grande empolgação por parte dos meninos. Uma bela jogada e um belo drible, se apresenta como um momento de exaltação e explicitação de qualidades individuais. Nas situações aonde aconteciam essas jogadas plásticas, quando de toque em toque os meninos de um time envolvia o adversário com jogadas bem articuladas que nem sempre terminavam em gol, mas findavam com drible bonito, com a bola sendo passada por entre as pernas do opositor, num gingado que causa euforia aos participantes e tomava conta do ambiente do jogo. O jogador que foi vítima da jogada bonita, que permitiu que a bola passasse por entre suas pernas (*“por baixo da saia”* – como dizem os meninos), passa a ser alvo das gozações dos outros meninos: *“Isso é pra cartão vermelho, é uma agressão”* (Renato - 12 anos); Ao passo que outro menino reforça dizendo: *“Ei boyzinho isso não se faz com o menino não!”* (Rafael - 13 anos).

O objetivo dessas frases, que compõem o cenário da interação entre os meninos, tinha dois fundamentos, um era desmoralizar o adversário, com gozações que serviam para demonstrar a incapacidade e a posição de inferioridade sob a qual foi colocado; outro era exaltar qualidades individuais de se achar melhor. Esses dois fundamentos são



imbricados e funcionam como elemento de formação de qualidades masculinas e tendem a desqualificar o rival/próximo e exaltar suas virtudes. Referente às frases dos meninos acima, não se trata de uma agressão física, mas uma bela jogada, fabulosa que humilha o adversário. De fato, no futebol uma agressão é punida com cartão vermelho, excluindo o jogador da partida, as expressões, portanto, sugerem que o agressor que humilhou seu adversário com uma jogada de craque, fosse punido. Não passa de uma ironia que denota claramente o reforço da humilhação de quem sofreu o drible, e não a exclusão do menino craque, mas a sua exaltação. Os meninos prosseguem humilhando alegoricamente a um e outro e sendo humilhados alegoricamente por um ou outro, dia após dia.

Expressões desse tipo foram comuns nas observações, pois a construção e afirmação dos significados relacionados à masculinidade passam também por hierarquização interna entre eles, estando presente num auto-elogio feito e/ou na proposta de uma pedagogia do ensinamento ao que é colocado em posição inferior. No momento de um lance um dos meninos (13 anos), mais habilidosos, fez uma bela jogada, pegou a bola no meio campo, passou pelo primeiro adversário, veio o segundo e também foi driblado, sendo a bola colocada entre suas pernas, durante essa jogada o menino disse a seguinte frase: “*Visse a saia que eu dei no boyzinho?. Vê se aprende...*” (Rafael - 13 anos). Com essa jogada o menino se vangloriou, ficou muito orgulhoso e realçou sua habilidade com a bola, seu gingado e no mesmo momento insinuou que se o adversário se inspirasse nele, certamente aprenderia como lidar com a bola.

Como já foi mencionado nesse estudo, Vale de Almeida (1995) analisa a construção social da masculinidade afirmando que o modelo de masculinidade, internamente cria situações hierarquizantes, nas quais homens/meninos exaltam seu poder masculino, reforçando suas qualidades e procurando incluir os aspectos da feminilidade nas disputas pela masculinidade. Nas atividades lúdicas, especialmente no jogo de futebol masculino, os meninos tendiam a feminizar o adversário e supervalorizar suas qualidades potenciais, num embate que indica a existência de uma hierarquização interna na construção de um *ethos masculino*. Essa característica está ligada e costurada no *habitus*, tanto para homens quanto para mulher, em práticas do cotidiano que nem sempre são questionadas porque foram internalizadas e objetivadas como “verdadeiras”.



Como se pode notar essa hierarquização interna se apresenta como um instrumento para criar níveis de diferenciação entre meninos e meninos e entre meninos e meninas. A percepção dessa hierarquização reside tanto na ideia que os meninos têm sobre idade e no reforço e/ou reafirmação de sua masculinidade.

Referente a idade observou-se que a hierarquização interna se consuma na exclusão de alguns meninos das brincadeiras por terem uma idade considerada inadequada onde automaticamente sua participação é interdita. Ser mais velho, para os meninos em questão corresponde a ter a possibilidade de impor sua opinião, seja através da força física, seja na reivindicação de sua maturidade e conseqüentemente da habilidade mais apurada. Dessa forma, eles se colocam numa posição de superioridade em relação aos que são considerados mais novos, com menos conhecimentos, com menos habilidade.

Agregado a isso se percebeu a existência de uma segregação entre aqueles que tinham mais habilidades e menos habilidades. Embora a diferença de idade entre um menino e outro não fosse grande, a exclusão se dava mais pela habilidade e pelo fato de se colocarem como fazendo parte de uma geração diferente, daquela dos “pirralhos”. Aqui se expressa também uma hierarquização interna entre os meninos, na medida que se observou que em alguns casos a exclusão de um menino do jogo também obedece a sua condição de “pirralho”. Isso ficou bem evidenciado na formação de um time quando da seleção dos jogadores os meninos maiores colocaram empecilho na participação de alguns meninos que eram mais novos e/ou eram considerados possuidores de pouca qualidade. Sobre essa questão veja a fala de alguns meninos. “Pirraí joga com pirraí, vai embora jogar em outro time dos pirraí...” (Marcelo - 13 anos). “tira os pirraim, nós já somos grandes...” (Renato - 12 anos).

Ser mais velho é considerado também ter mais vigor, entrar mais forte numa jogada e até ter mais habilidade com a bola. Ter habilidade mais apurada refina a hierarquização interna que, conseqüentemente, está relacionada com a afirmação da masculinidade, visto que os meninos sempre procuravam exaltar sua superioridade, demarcando através de insultos e declarações sua posição elevada na escala de ser mais masculino que o outro, na medida que o outro é, quase sempre, colocado na posição de frágil, pouco hábil com a bola, aquele que erra muitos passes, não conclui jogadas e



ainda por cima tem medo de entrar em jogadas ríspidas, mais duras. Recebendo atributos o é colocado no campo do feminino, sinônimo de inferioridade para eles.

Vários foram os momentos que a interlocução entre os meninos que traduziam um tom de hierarquização interna, que não se constitui apenas na exaltação das qualidades individuais, mas, também, na negação das qualidades de outros meninos. Durante o andamento do jogo, nas disputas pela bola os meninos falavam bastante, xingavam o adversário, reclamava, criando, assim, um verdadeiro duelo verbal, no qual um tenta diminuir e humilhar o outro. Essa diminuição se apresenta em comentários que denotam uma clara evidência de desmoralização o outro. Quando, por exemplo, um menino saiu vencedor numa partida, ele pergunta a outro que saiu perdedor: *“tu não é do time dos fracos não, é?”*. (menino de 11 anos), ou incitando ele ao afirmar: *“Sandro tá com medo de jogar porque os pirralhos são bons”* (Jonas - 12 anos). As comparações entre jogadores também aparecem de forma inevitável. Por exemplo, dois meninos assistiam ao jogo e começaram a conversar emitindo opiniões sobre os outros meninos que jogavam, dizendo: *“Ele joga mais do que tu...”* (Paulo - 13 anos). Ou então opinando sobre o desempenho de um menino que jogava: *“O pirraí não faz gol porque não sabe jogar...”* (Paulo - 13 anos), e ainda, *“vocês tem que jogar no Tabajara²⁷ (risos)”* (André de 11 anos).

Corroborando com a posição de Louro (1997), não se pode negar que ser o melhor no esporte pode representar, em especial, para um menino ou um jovem, um valorizado símbolo de masculinidade. Essa forma de valorização dos símbolos relacionados ao modelo hegemônico de masculinidade é aprendida durante o processo de socialização e através das diversas formas de sociabilidades. Nesse sentido, as atividades lúdicas infantis podem ser consideradas produtoras de sociabilidades, sendo mesmo centrais no processo de construção social das crianças. O brincar, então, se apresenta como instrumento no qual as crianças constroem e transformam sua realidade, conjuntamente, renegociando e redefinindo seu mundo (De Conti & Sperb, 2001). As brincadeiras estabelecidas através de uma divisão social do lazer refletem a distinção das funções atribuídas a homens e mulheres.

Pensando na ressonância que essas diferenciações de gênero tem no processo de socialização procurou-se destacar a simbólica que os jogos, os brinquedos e as brincadeiras exercem na construção social da realidade das crianças e, especialmente,



de meninos que destinam parte de seu tempo para o lazer. O brinquedo, enquanto um objeto cultural, carrega inúmeros significados e serve de veículo para as brincadeiras, melhor dizendo, ele *“sintetiza a representação que uma dada sociedade tem da criança”*. Assim, *“o brinquedo se mostra como um objeto complexo que permite a compreensão do funcionamento da cultura”* (Brougère, 1995: 09).

A socialização exerce um forte papel sobre a vida, postura e comportamento dos meninos, visto que desde pequenos são “encaminhados” não só a escolher brinquedos e brincadeiras diferentes daqueles relativos às meninas, mas inculcar valores, sentimentos e conceitos relativos ao se atribui convencionalmente como masculino e feminino.

4. Feminização do masculino: estratégias de ridicularização do outro

A feminização dos meninos é uma característica marcante no momento de interação nos jogos. Sabe-se que essa feminização adquire relevância nas falas dos meninos porque reforça os sentidos de masculinidade deles. O conjunto de falas coletado expressa claramente que a masculinidade também é construída através da negação das qualidades femininas (Bourdieu 1999; Vale de Almeida, 1995; Sabo, 2002). Para os meninos, ser igualado ao feminino é ser colocado numa posição inferior na hierarquização do universo masculino. No fervor do jogo os meninos, costumam falar muito, seja xingando outro menino ou exaltando suas qualidades. Quando acontece uma jogada que merece destaque, quem fez reforça através de auto-elogio e desmoralização de quem foi vítima dessa jogada. O comentário de quem assiste e do próprio autor da jogada versam dessa forma: *“Ô prai, tu só leva na saia” (Gustavo - 11 anos)*.

Outros elementos que compõem as características de feminização são expressas em situações de interação entre os meninos. Enquanto a bola rolava, um grupo de meninos que assistiam o jogo fazia comentários sobre o jogo, acompanhados de gozações e insultos que geravam muitos risos. Nesse momento, um dos meninos anunciou que estava indo para casa, o pôr-do-sol ainda não tinha chegado, alguns meninos opinaram sobre o assunto e um deles disse: *“Ele é um marica, quer ir para casa mais cedo” (Renato - 12 anos); “Deixa de donzelisse. Que donzelisse da porra!” (Silas - 11 anos)*.



Frases ambíguas também fazem parte dos comentários dos meninos. O grupo de meninos, acima citado, continuou opinando e fazendo gozações com os que jogavam, um dos meninos se dirigindo a outro que jogava e disse: “*A minha ‘torcida’ é sua*”²⁸ (Rafael de 13 anos), sendo retrucado da seguinte forma: “*vai prá lá com essa, eu dispenso sua torcida*” (Rodrigo de 13 anos), ou ainda, quando houve uma jogada de falta e um dos meninos estava no chão, demonstrando que estava sentindo dor, um dos meninos disse a outro que também assistia ao jogo: “*Massageia o cara lá, ele está machucado*” (Renato de 12 anos); e o outro responde: “*Vai tu, tu não és o massagista do time (...)*” (Jorge de 14 anos).

Feminizar o outro, também, se apresenta no domínio da força física. Em determinadas jogadas mais ríspidas, por exemplo, alguns meninos reclamavam muito, interrompiam o jogo e começava uma pequena discussão entre eles para esclarecer e chegar a um denominador comum, mas não havia um consenso a respeito da rispidez utilizada. Quando acontecia algum choque físico havia muita contestação, os espectadores também opinavam sobre a jogada. Quando havia muita discordância quanto a uma falta pedida, ouvia-se, muitas vezes, um coro cantarolado por um grupo de meninos que dizia: “*Ele é menina, ele é menina...*”; “*Ele é uma mocinha, como pode pedir falta numa jogada dessa*”.

Dizer palavras afrontosas ao adversário e desqualificá-lo, quase sempre está relacionado à apresentação de características que os meninos entendem como sendo femininas. Mediante qualquer sinal de fraqueza e/ou falta de habilidade no jogo os insultos são adjetivados na lógica de feminização dos meninos.

5. “Seja Homem!»: uma incitação ao modelo hegemônico demasculinidade

Outra característica presente nas atividades lúdicas observadas versa sobre o reforço da virilidade, indicador da afirmação da masculinidade. Isso ficou bem evidente nas próprias falas dos meninos.

Durante o jogo que se desenrola com toques de bola, dribles e gols, as jogadas mais duras geravam muitas discussões e controvérsias entre os meninos, pois quase sempre o pedido de falta era contestado. Quando um dos meninos entrava duro em outro e esse outro pedia falta os jogadores de cada equipe argumentavam sobre a



veracidade e necessidade de conceder a falta fazendo com que o próprio menino que sofreu a entrada mais dura passasse a ser questionado sobre sua virilidade masculina. Veja nessa fala o que diz o companheiro de equipe: “É pra jogar duro, firme...” (Jorge - 14 anos); “Marca, pega, deixa de moleza... marca firme” (Beto - 13 anos); “Ah! o boy tá com medo, bora boy acorda, pega, não é pra jogar com medo não”. (Beto - 13 anos). O revide verbal também acontece quando um menino recebe uma falta. É quando surgem ameaças no campo das verbalizações, o que não implica que de fato as ameaças sejam traduzidas em ações concretas, como nessa expressão: “Êta porra gordo, tu vai vê, eu vou te derrubar no chão” (Jorge - 14 anos).

Outro momento em que se percebe uma desmoralização do adversário, apresenta-se quando ao feminizar o companheiro tal insulto vem acoplado aos termos fraqueza e fragilidade na situação de uma jogada concluída sem sucesso, por exemplo, perder um gol em situação que não se espera que se perca: “Como é que se perde um gol desse. Desses aí até minha avó fazia (...)” (Rafael - 13 anos).

Nessa lógica, a fraqueza e a fragilidade tornam-se incompatíveis com o *ethos* masculino e são expressas num revide direto ao adversário. O embate físico é, assim expresso como sinônimo de força atribuído ao universo masculino. Jogar com medo equivale a ser considerado “fracote”, “mole”, “uma mocinha”, “um frango”³⁰ (Bacelar, 1997). Essas características representam uma (re) afirmação da masculinidade, considerando que normalmente o modelo hegemônico de masculinidade se pauta na negação dos adjetivos ligados ao feminino, quando são usados tem o sentido de inferiorização.

6. Participação feminina em “coisas masculinas”

A vasta literatura que versa sobre a diferença de gênero nas relações cotidianas e seus reflexos na construção social da masculinidade tem demonstrado como simbolicamente essa diferenciação se apresenta na vida, nas mais diversas formas de expressões cotidianas. Relacionando a temática às observações constatadas nesse estudo confirma-se as fronteiras existentes entre as esferas masculinas e femininas. Quase sempre existe interdição explícitas e/ou sutis sobre o que um menino deve fazer e se comportar, da mesma forma essas imposições são feitas às meninas. Tais exigências são



feitas em diferentes situações, sob diversos aspectos, agentes (família, escola, vizinhos e os próprios meninos) e se apresentam em diversas formas de sociabilidade. Apesar de ainda ser forte a concepção de que existe um campo de atividades lúdicas que indica a diferenciação dos espaços de gênero, já se observa a participação feminina em jogos e brincadeiras considerados masculinos. Esse elemento apareceu na investigação, quando as meninas ao notarem que estavam acontecendo torneios de futebol com meninos na comunidade passaram a reivindicar a participação delas próprias no torneio.

“As meninas não sabe jogar, no máximo elas correm atrás da bola. Tem menino que não sabe jogar imagina as meninas” (Jorge - 14 anos); “elas não sabem jogar direito entram nas jogadas quebrando, dando porrada” (André - 11 anos); “aquelas dali, (risos) não sabe jogar é nada” (Gilberto - 8 anos).

Isso denota uma concepção que relaciona o futebol ao masculino. Há um certo descrédito quanto à habilidade futebolística feminina, através da comparação rotineira de que os meninos são melhores.

Durante o jogo das meninas alguns meninos que tinham participado em torneios anteriores apareceram para assistir e fizeram alguns comentários sobre o desempenho das meninas: *“não sei como vocês botam jogo de meninas...” (Jonas - 12 anos)*. Houve ainda comentários sarcásticos sobre os seios avolumados de uma das meninas, que diziam: *“mata de peito... que peitão, heim!”*.

O jogo transcorreu normalmente, a plateia não se omitia em dar opiniões sobre o jogo em si, sobre o futebol das meninas, mas sempre exaltando a melhor qualidade técnica dos meninos no futebol: *“As meninas jogam bola de futebol, só que a gente joga mais do que elas... porque nos jogamos todos os dias e elas não” (Tiago - 10 anos)*.

Essas divisões sexuais geradas e mantidas cotidianamente criam espaços de sociabilidade que são “naturalizadas” como pertencentes a um ou outro gênero. E mesmo quando existe a participação de um gênero em atividades consideradas do outro, quase sempre, existe um efeito controlador sobre essa “intromissão”.

A inserção feminina nas formas de lazer tradicionalmente “destinadas” ao masculino, agora voltando especificamente para o futebol, notou-se ser comum uma quantidade superior de homens nesse contexto. Tal fato se deve, principalmente, às formas de como são criados (socializados) homens e mulheres. E mesmo hoje com a crescente participação das mulheres no esporte bretão, ainda percebe-se que esse espaço



continua carregado de significados que são socialmente relacionados ao sexo masculino. A presença de mulheres nesse espaço carrega, em si, duas características ambíguas, de um lado, a presença feminina em lugares masculinos significa mudanças, por outro lado, a evidência de um reforço à ideologia masculina, na medida que é cobrado das mulheres, que estão nesses espaços, características de feminilidade (meiguice, docilidade, paciência), e também qualidades físicas (beleza, charme, vaidade, etc.), indicando permanência de uma situação que tradicionalmente elegeu o homem como supremo.

Enfim, não se pode mais negar a inserção feminina em espaços masculinos e vice-versa, no entanto, essa participação carrega uma ambigüidade, pois aspectos que fazem parte de um ideário que diferencia homens e mulheres também se apresentam na configuração das relações estabelecidas com essa nova inserção. Há mudanças, mas elas ainda são pequenas e talvez isso se deva ao fato de ainda estar presentes elementos que fazem parte de um processo forte de socialização que segrega, separa e desigualta homens e mulheres. Processo esse que também sobrecarrega o homem com exigências de comportamento e atitudes que impõe que sejam fortes, bravos, destemidos, másculos, que tenham apreço por números, que não chorem, não se emocionem e atuem de forma feminina. As pesquisas de campo, em geral mostrou, através dos vários relatos, que o processo de socialização em diversas instâncias, aqui particularmente as atividades lúdicas infantis, se apresentam de forma mais forte como lócus de produção e reprodução dessas diferenciações de gênero. No entanto, os dados mostram que, embora de menor intensidade, esse processo de socialização já mostra mudanças que vieram ou tiveram o seu estopim com o movimento feminista, desembocando na participação feminina em várias esferas do espaço público, com reflexos que se estendem para mudanças em nível familiar como as relações de gênero no espaço doméstico, a exemplo a criação dos filhos.

7. "A imagem das mulheres atletas de futsal na cidade de Sumé-PB"

Foram realizadas visitas nos treinos das meninas com o objetivo de presenciar mais de perto como acontece as relações sociais que existem entre elas. A vivência do



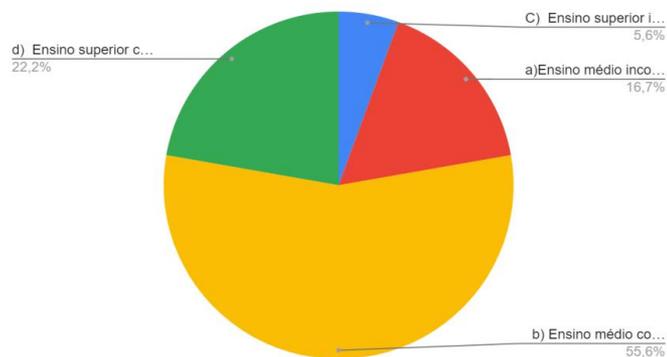
cotidiano, observando comportamentos, coletando opiniões e histórias, nos ajudou a refletir sobre a imagem das mulheres atletas de futsal na cidade de Sumé-PB.

O treino tem a participação efetiva do treinador sempre orientando e incentivando as atletas e é dividido em duas partes: a primeira parte é feita com as atletas novatas e a segunda com as atletas mais experientes.

Com o objetivo de conhecer um pouco melhor sobre a realidade das atletas foi aplicado um questionário via Google Forms, 21 delas responderam. Vamos aos dados:

A faixa etária das atletas compreende entre 13 a 40 anos de idade. Em termos de escolaridade a maioria tem o ensino médio, conforme gráfico abaixo:

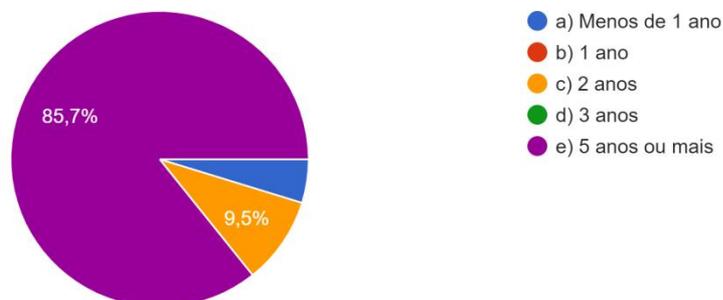
Nível de escolaridade:



Quanto ao período de tempo que praticam a prática do futsal os dados foram o seguinte:

4) Há quanto tempo você joga futsal?

21 respostas

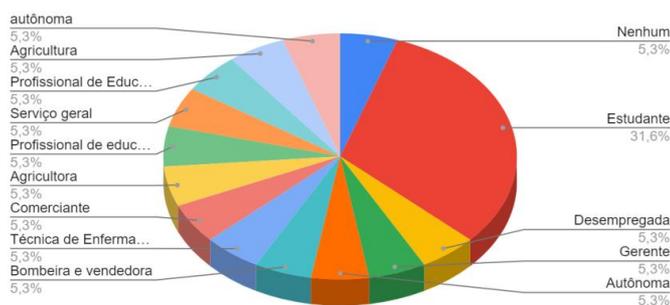


Vejam que a grande maioria se dedica a mais de cinco anos a prática do futsal. Essa dedicação é conciliada com o trabalho, o que indica que a prática do futsal aparece



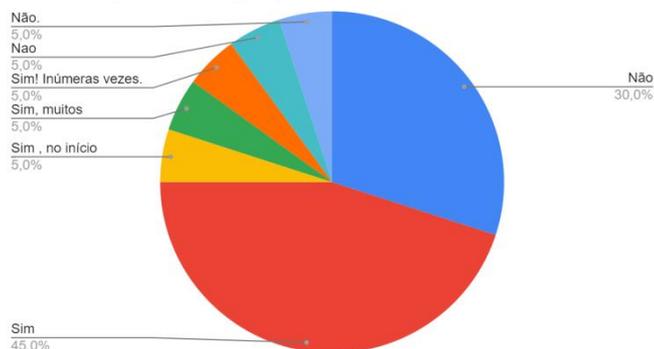
mais como um passa tempo ou por amor ao esporte, por gostar de jogar futsal. Vejamos abaixo quais as profissões das atletas:

Qual a sua profissão?



Quando foi perguntado se elas já sofreram preconceito por praticar o futsal, obtivemos as seguintes respostas:

Já sofreu preconceito por praticar futsal?

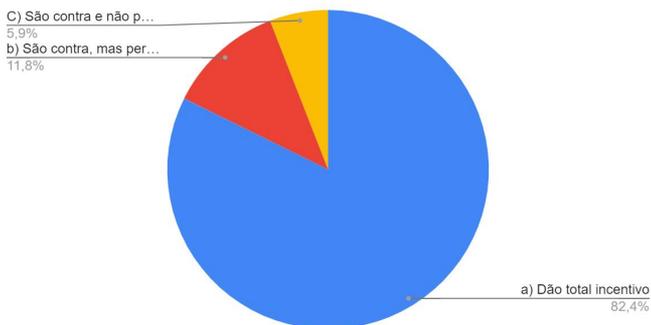


Mesmo com todo o aumento significativo das mulheres no mundo do futebol, a maioria das respostas indicou que as atletas sofreram preconceito social por ser praticante do futsal, sendo comum a afirmação de que essa modalidade é algo mais voltado para os homens.

Pensando na prática do futsal masculino e feminino sabemos que tanto um como o outro fazem exatamente a mesma coisa, existem: goleiros (as), jogadores(as) treinadores, treinos, horários, campeonatos, tem as mesmas regras, o mesmo tipo de bola, amizade entre as equipes, companheirismo, coletivo, individualismo, brigas, etc. Enfim, se tanto o masculino e o feminino fazem a mesma coisa, por que a presença desse preconceito? Podemos ir buscar respostas nas matrizes de gênero que classificam/dividem o mundo social.

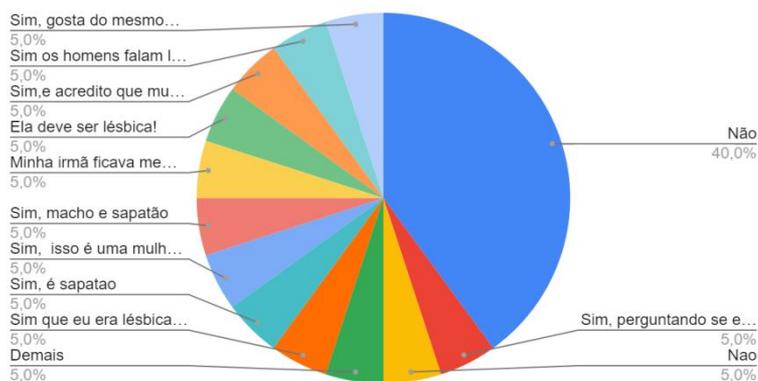


Como é a participação de sua família/amigos em relação a sua prática do futsal? Assinale apenas uma alternativa.



Mesmo diante do preconceito a maioria indica que recebem o incentivo dos familiares e uma pequena parcela se posicionam contrário a participação feminina no futsal local. Através das conversas e observações no dia a dia das atletas praticantes do futsal dectetamos que elas são vítimas diárias de piadas, comentários maldosos e desvalorização da sua imagem. No entanto, quando perguntadas sobre a sexualidade delas, uma parte razoável das atletasa indicou que não ouviu nada a respeito, conforme gráfico abaixo.

Já ouviu com algum comentário sobre sua sexualidade por ser atleta de futsal? Se sim, qual?



Mas se compilarmos melhor os dados do gráfico, juntando respostas semelhantes, veremos que um percentual razoável indicou que os preconceitos envolvem a sexualidade, atribuindo a elas rotulações como: "machão", "sapatão", "lésbica", etc. Isso, nos leva a reforça a ideia de como o modelo de gênero ainda está bastante arraigado na região pesquisada.



7. Considerações finais

As interpretações apresentadas nesse trabalho não têm pretensões de fazer generalizações sobre as relações de gênero, mas mostrar as possibilidades de lidar com este tema, não só no sentido de entender o processo de construção social da masculinidade, mas refletir sobre os fenômenos “*micros*”, inserindo-os e legitimando-os no rol das análises sociais.

Constata-se, pelas referências condutoras da pesquisa, que são várias as categorias através das quais se pode analisar a construção social da masculinidade, que se manifesta em diferentes níveis da vivência humana (Vale de Almeida, 1995; Scott, 1992).

Há que se ressaltar que as atividades lúdicas infantis e as práticas esportivas não funcionam como matriz geradora dessa construção social, mas como um dos instrumentos de (re) significação das formas de conceber as diferenciações entre os gêneros, considerando que as diferenciações de gênero trilham um percurso anterior, mais extenso e amplo, que engloba outras esferas das relações sociais.

As falas dos(as) pesquisados(as) que compõem o universo de pesquisa revelaram que as atividades lúdicas e a prática do futsal apresentam especificidades quanto à demarcação de fronteiras (às vezes não tão rígidas) entre as atividades consideradas masculinas e as consideradas femininas. Constatou-se que a “intromissão” de um gênero (masculino ou feminino) nas brincadeiras e jogos considerados, tradicionalmente, do outro gênero (masculino ou feminino) é regido por um controle social expresso, por exemplo, através de gozações que inferiorizam o “intromissor”, no sentido de alertá-lo do desvio cometido em relação às regras e normas de formação e estabelecimento do gênero a que pertence.

Como as normas relacionadas ao gênero são construídas nas atividades lúdicas infantis? Quais os mecanismos utilizados na interação entre as crianças para (re) produzir e/ou (re) atualizar os valores ligados aos saberes da masculinidade como norma social? Finaliza-se a discussão aqui proposta apresentando as questões, acima mencionadas, que conduziram na análise de um dos vários ângulos possíveis de entendimento da construção social da masculinidade. Esse aspecto aqui explorado, o

das atividades lúdicas infantis, não se encerra ou se esgota com o referido estudo, a pretensão é mais de ter explorado e contribuído para o que se considera um horizonte rico em caminhos e possibilidades.

As atividades esportivas aqui pesquisadas demonstram que os seus sistemas de significação, fazem com que os sujeitos envolvidos sejam formadores de conhecimento e portadores de uma visão de mundo que inclui categorias de classificação utilizadas cotidianamente para distinguir, diferenciar, e (des) igualar coisas e pessoas. Trata-se de espaços de demarcação de fronteiras entre atividades consideradas masculinas e femininas, ou seja, instrumentos de (re) significação das formas de conceber as diferenciações entre os gêneros.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e cultura*. São Paulo: Cortez, 1995.
- CONNELL, Robert. W. “La Organización Social de la Masculinidad”. In VALDÉS, Teresa y OLAVARRÍA, José (eds). *Masculinidades: Poder e Crisis*. Chile, Santiago: Ediciones de las mujeres, N° 24, 1997.
- DE CONTI, Luciane; SPERB, Tânia Mara. *O brinquedo de pré-escolares: um espaço de ressignificação cultural*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Abr 2001, vol. 17, nº 1, p. 59-67. ISSN 0102-3772.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MEDRADO DANTAS, Benedito & LYRA, Jorge. “Produzindo sentidos sobre o masculino: da hegemonia à ética da diversidade”. In.: *Coletânea Gênero Plural / organizadores: Miriam Adelman, Celsi Brönstrup Silvestrin*. Curitiba: Ed. UFPR, 2002.
- NASCIMENTO, Pedro Francisco Guedes do. “*Ser homem ou nada*”: diversidade de experiências e estratégias de atualização do modelo hegemônico de masculinidade em Camaragibe-PE”. Recife-PE, Programa de Pós-Graduação em Antropologia. UFPE/Recife, 1999. (Dissertação de Mestrado).
- SABO, Donald. O estudo crítico das masculinidades. In.: *Coletânea Gênero Plural / organizadores: Miriam Adelman, Celsi Brönstrup Silvestrin*. Curitiba: Ed. UFPR, 2002.
- VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Senhores de si - Uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.